

Educação: e marginalidade

I — INTRODUÇÃO

A área do Maciel, focalizada no presente estudo, compreende parte do Pelourinho (1), subzona administrativa da Cidade do Salvador, Bahia. Reside aí uma população por volta de duas mil pessoas, sendo 36% de mulheres que se dedicam à prostituição. No passado constituiu-se em núcleo residencial da então classe alta. No momento, entretanto, transformou-se em zona de prostituição localizada, constituindo-se em uma das maiores da Cidade do Salvador. Como núcleo residencial não comporta apenas prostitutas. Outros grupos sociais também o habitam, convivendo ecológicamente próximos, mas não socialmente integrados. Famílias, vivendo com suas relações de parentesco bem definidas, mantendo padrões de comportamento coerentes com o modelo estabelecido pela sociedade global; "repúblicas" de jovens (estudantes, bancários, comerciários, etc.); velhos isolados, cuja presença na área indica certo grau de marginalidade.

Além desses grupos, aqui denominados fixos, nota-se ainda a presença de outros que, apesar de não residentes na área, constituem-se em dinâmicos elementos da realidade social, pela regulari-

dade de sua freqüência e pelo importante papel que desempenham para a prostituição.

O problema de pesquisa deriva de um programa amplo de estudo da realidade social do Pelourinho e se configura objetivamente a partir do instante em que as diretrizes para ação, estabelecidas pelo Secretário Executivo da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, Prof. Vivaldo da Costa Lima, exigiam que se conhecesse um dado momento do processo educacional, especificamente a atuação das escolas, agências responsáveis por êsse processo na área.

Partindo-se do pressuposto que as características particulares da área demandavam um planejamento educacional específico, visto que as características dos indivíduos a ela ligados apresentam formas de marginalidade social, o problema de pesquisa se configurava claramente.

Na verdade, o estudo, por questões ligadas a certos condicionamentos limitadores, tais como recursos e tempo, detém-se somente num pequeno enfoque do problema e, ainda assim, de maneira descritiva. Como ponto-de-partida para posteriores estudos, se considera esta pesquisa como importante, no que pese as *restrições assinaladas*.

II — PRELIMINARES

1 — CONDIÇÕES DE ATENDIMENTO DA REDE ESCOLAR LOCALIZADA NO MACIEL

A educação programada, no Maciel, está diretamente sob a responsabilidade de quatro escolas de nível primário e uma que atende ao secundário, primeiro ciclo (curso ginasial).

Tais agências compõem um subsistema empresarial, cuja finalidade básica, em tese, é transmitir um conjunto de técnicas, necessárias à integração entre as exigências do sistema de produção, em termos de qualificação de mão-de-obra para o trabalho e o pré-condicionamento dessa mão-de-obra (2).

A escola detém uma outra função: a de dotar a criança de um instrumental básico, coerente com as matrizes para comunicação na sociedade, capaz de permitir a integração associativa para a cooperação que caracteriza o projeto existencial do grupo familiar e dos demais nos quais a criança e, posteriormente o adulto, deverá participar.

Em suma, na medida em que a escola volta-se para a integração social, de acôrdo com os interesses do sistema social global, se configura como uma ampla agência de contrôle social. Esta se constitui a finalidade última do processo educacional, principalmente do sistematizado (3).

Num sentido mais restrito pode-se afirmar a existência de duas empresas escolares, sendo uma a pública (uma unidade), sob a responsabilidade do governo estadual, e a outra formada pela constelação de unidades particulares (em número de quatro), programadas para um trabalho de orientação assistencialista.

O atendimento, traduzido na quantidade de alunos freqüentando efetivamente, atinge a um total de 1.902 clientes, sendo 1.102 (57,9%) do sexo masculino. Convém observar que, aproximadamente, 42,7% (813) dêsse absoluto referem-se aos alunos do ginásio (4).

Ao que parece, considerando-se que o ginásio detém uma significativa participação no conjunto de estudantes nas escolas da área, o desnível na distribuição por sexo, que, diga-se de passagem, deveria ocorrer ao contrário, levando-se em conta ser êste estabelecimento voltado para o atendimento de pessoas oriundas das camadas inferiores da pirâmide social (5), se explica pela localização do mesmo. As famílias se ressentem de matricular suas filhas numa zona onde a prostituição é o lugar comum: daí a maior quantidade de alunos do sexo masculino (6).

O coeficiente de alunos por professor situa-se entre 28 e 33; tanto para o curso primário, quanto para o ginásio.

De um modo geral, como reflexo direto da problemática do ensino no Brasil, se observa a pirâmide que representa a evasão escolar. Nas primeiras séries dos cursos, a freqüência se coloca muito acima das classes seguintes. Tem-se, por exemplo, a escola pública, cujas matrículas ascendem a oitocentos e trinta e dois alunos, sendo 512 dos cursos diurnos. Nestes, as matrículas, nas duas primeiras séries, atingem a 265, contra 247 nas posteriores. Numa outra, particular assistencialista, a proporção é de 99 para 46.

Ao chegar às idades compreendidas entre 10 e 12 anos, normalmente o aluno está na terceira, quarta ou quinta série primária, pois a educação escolar entre êles começa um pouco mais tarde que o estabelecido pelas diretrizes gerais da educação brasileira (7 a 14 anos, em idade escolar), que prevê o término dêsse curso para 11 e 12 anos. Por êsse tempo, as pressões para que se engajem no sistema de produção já são agudas, desde quando há, normalmente, uma premente necessidade no alívio dos encargos domésticos que êles representam, principalmente para a renda familiar. O tipo de aluno aqui caracterizado é encontrado em tôdas as famílias de classe baixa que tenham filhas nas idades citadas, notadamente as extensivas a áreas idênticas ao Maciel.

A efetivação do trabalho remunerado determina o abandono da escola. Mais tarde, alguns tentam uma reintegração na empresa escolar através de matrículas em cursos noturnos, pretendendo conciliar trabalho e estudo, já com evidentes perspectivas de melhor

status. Isto se verifica principalmente com os adolescentes do sexo masculino, os quais passam por maiores pressões que os outros. A mulher está reservada às atividades domésticas; ao homem cumpre a lide de rua.

A empresa escolar localizada no Maciel, extrapola sua ação social, para educação, além das fronteiras geográficas dêste. Pode-se até mesmo dizer que atende muito mais para fora que para dentro. Recebem, como já foi observado, alunos de quase todos bairros pobres de Salvador; os estudantes residentes no Maciel não significam mais de 15%.

A explicação dêsse fato pode ser dada fixando-se três pontos; o primeiro seria a inexistência, em grande escala, de crianças nas idades compreendidas entre seis e nove anos. A prostituta, por problemas inerentes à realização de seu trabalho, tende a abrir mão de um cuidado direto a seus filhos, entregando-os a parentes não residentes na área, ou instituições assistenciais. No mesmo sentido está o caso de que êstes trabalhadores, valorando, em muito, seu trabalho, procurem de tôda e qualquer maneira, afastar seus filhos, principalmente os de sexo feminino, da "zona do Maciel". Fazem/isto justamente quando consideram a criança em idade de "compreender" suas atividades. O segundo seria a preferência por parte das famílias residentes na área, em colocar os filhos em escolas localizadas em outros setores da cidade, tentando evitar que êles estabeleçam contactos com outras crianças, contactos êstes que poderiam vir a marcá-los, quanto ao comportamento, desviando-os do modêlo estabelecido e esperado. Aproximadamente um têrço dos entrevistados prefeririam escolas longe do Maciel para matrículas de seus filhos (7).

O terceiro seria o afluxo de menores residentes em outros setores do Pelourinho e também de outros bairros da cidade. Tal sucesso decorre da incapacidade da rêde escolar em atender à crescente demanda para escolarização. Não encontrando vagas para seus filhos, as famílias moradoras em locais fora das fronteiras do Maciel não têm outra opção que não a de colocá-los nas escolas da área.

A experiência destas pessoas no sistema de produção lhes possibilita uma consciência das limitações para os que não têm o instrumental, em se colocar como assalariado numa empresa. Isto faz com que superem as resistências valorativas para com o Maciel, matriculando os filhos nas escolas nêle situadas.

2 — A EVASÃO ESCOLAR NA ÁREA

A evasão escolar, no Maciel, considerando-se seus determinantes infra-estruturais, especificamente o padrão de vida da população que o habita, não se verifica em alto grau. A taxa de absentéismo

total, ou seja a não-frequência diária à escola situa-se em torno de 14,0%. Considere-se, ainda, que, em termos absolutos, tal quantidade não se coloca muito acima de 120 crianças e adolescentes.

Entre as pessoas entrevistadas que têm sob sua responsabilidade crianças em idade escolar não freqüentando escolas, o principal motivo para explicação do fato era a falta de condições econômicas. Realmente, os componentes adultos da população local, em grande parte, não dispõem de um *status* econômico que permita uma situação escolarizável para as crianças que mantêm, compreendendo-se esta como possibilidades de compra de material escolar, vestuário e também o desobrigar da criança face determinados encargos domésticos, tanto internos ao lar (tomar conta da casa, de irmãos menores, ajudar os pais em suas atividades laborais) quanto externas (trabalho remunerado). O fato da existência de algumas escolas, nas quais seus professores, tendo conhecimento da realidade social da área, tentam uma educação flexível, no que tange às exigências materiais, a situação torna-se, em parte, secundária quanto a este aspecto.

Outros parâmetros situam-se também importantes para influenciar a freqüência escolar tanto positivamente quanto negativamente. Estes serão motivo de uma análise mais objetiva, nas páginas seguintes.

III — A FUNÇÃO DA ESCOLA NO MACIEL

1 — A ESCOLA E O ALUNO

O processo educacional no Maciel, notadamente o programado institucionalmente, como elemento de um outro mais amplo, de socialização, coerente com seus propósitos de capacitar o indivíduo com determinados pré-requisitos necessários ao papel que lhe destina a sociedade e sem os quais ele não se integrará na mesma, assume um valor muito além daquele em que tradicionalmente é visualizado para toda sociedade. Poderia-se afirmar que extrapola suas funções manifestas e, por conseguinte, as expectativas iniciais de seus elementos de ação.

A empresa escolar, mesmo quando no papel imediato de transmitir determinados conhecimentos programatizados de acordo com as necessidades do sistema de produção, se coloca, tanto para o professor, como para o aluno, como *uma agência para a "salvação"*; isto no caso do trabalho educacional extensivo aos alunos residentes no Maciel. Inexiste uma preocupação operacional, de formação, no sentido de dotar a criança ou adolescente de um instrumental capaz de permitir sua comunicação com os demais componentes do grupo social da qual é parte importante na sua dinâmica interna e, portanto, no seu equilíbrio — a família, o grupo residencial (8) ou

de possibilitar a interiorização dos elementos básicos à trajetória para o papel ainda ideal, que lhe destina a sociedade.

A preocupação de instruir tem como pressuposto a *missão* de fazer com que o aluno não venha a se tornar um "marginal".

As valorações moralizadoras da escola, inerentes à sua função específica como agência de socialização (no Maciel ela supervaloriza tal função, fato decorrente das características gerais da área e do papel desta perante a sociedade), determina que se forme uma consciência, entre os alunos, com respeito ao sistema de normas e valores da sociedade e da situação real em que se encontra a área do Maciel face este sistema. Observa-se, então, que o elemento receptor, no caso o aluno, como uma decorrência dessa conscientização, se volta totalmente para o projeto de Salvação. Neste momento, a contradição inerente ao processo educacional (relação aluno/professor) (9) assume um caráter estacionário, enquanto a cooperação que, de um modo geral, situa-se antagônica, apenas se verificando devido à acomodação dos alunos, passa para um sentido realmente positivo.

Todavia, fora do âmbito escolar e do trabalho educacional, no seu processo, porém se constituindo numa sua extensão ou produto, surge um elemento gerador de tensões, as quais se manifestam dentro do grupo social básico, no caso o que o aluno considera como sua família.

A criança, por não conseguir assimilar as explicações para não-mudança de residência, a saída do Maciel para um outro bairro que não passe por valorações tais como, "você mora no puteiro", assume posições agressivas, de negação, descompromisso e até mesmo indiferença, para com os seus de casa (a família, o grupo residencial), acirrando, ainda mais, os antagonismos inerentes às relações socializadoras que se processam entre elas e os componentes adultos desse grupo.

Básicamente, o que houve foi uma transferência das tensões relativas às relações aluno/professor, para as que se verificam entre jovens e adultos na família (o que a criança considere como tal). Certamente que se visualiza, neste processo, a possibilidade do surgimento na personalidade da criança, de desequilíbrios psico-sociais marcantes.

A negação total de sua condição no Maciel, principalmente residencial e de vizinhança, negação esta que determina uma outra idêntica para o grupo familiar e residencial, faz com que a escola seja envolvida numa auréola idealista, se configurando esta posição com características carismáticas.

No momento em que estão na escola, os alunos conseguem um isolamento do resto de seu mundo empírico. Sentem que se abs-

traem de sua realidade diária. A fixação é tão marcante que muitos alunos passam seus períodos livres (fora do horário escolar), nas escolas ou nas proximidades destas, muitas vezes estendendo a permanência até a noite. Isto ocorre principalmente com crianças do sexo feminino, pois o projeto de "salvação" está muito mais dirigido para estas.

Um exemplo do compromisso dos alunos para com o projeto foi objetivado através de um "grupo de brinquedo", composto de quatro crianças, cujas residências estão situadas numa artéria do Maciel de maior concentração de casas de prostituição.

Estas crianças, tôdas do sexo feminino, com idades entre nove e quatorze anos, quando da realização de uma entrevista com o pai de uma delas, um senhor, viúvo que vive de biscates, foram observadas "brincando de escola", lazer êste, cuja principal característica era a transposição do modelo escolar, o real, para a própria residência. Uma discussão com o grupo possibilitou a aferição, onde o ponto de vista comum era uma grande insatisfação residencial e que "o único momento do dia que gostavam" era quando estavam na escola, porque "lá todo mundo é bom".

Na tentativa de captar as expectativas dos alunos para com a escola, foram realizadas entrevistas com alguns, cujas residências estavam localizadas no Maciel. Tendo em vista problemas de comunicação optou-se por adolescentes nas idades compreendidas entre dez e dezesseis anos. Dentre as perguntas, uma questionava se o que aprendiam na escola servia, de algum modo, para a vida em família. Tôdas as respostas aproximam-se dêstes exemplos: — "influi sim, porque aqui estou aprendendo para dar bom exemplo em casa"; — "sim, para o bem de todos estou aprendendo"; — "quando me formar em doutor vou tirar todo mundo dêsse meio"; — "sim, posso ajudar meus irmãos menores a estudar e não se perderem".

A fixação na escola é tão grande que supera a resistência desenvolvida, diga-se em grande parte por esta, para com as formulações valorativas objetivadas nas práticas de ensino. Em cada cinco alunos, sòmente um afirma que se pudesse, se dependesse dêle, sairiam da escola (alunos residentes no Maciel), "porque ela está num lugar que não presta". Com êstes, as constantes valorações moralistas, importante elemento do "projeto de Salvação", de um certo modo, saturam os limites psico-sociais do aluno, determinando que êstes tomem consciência — a consciência está subjetivada pela escola — de que a mesma é parte do conjunto do Maciel. Mas, normalmente, o equilíbrio necessário à dinamização do projeto é mantido.

O contato dos alunos moradores na área em estudo com os demais implica num incentivo ao projeto.

Apesar dos professôres não admitirem discussões sôbre a realidade do Maciel, numa ação de perspectivas moralizadoras, consi-

derando que a criança não deve "tratar destas coisas", estas são bastante comuns, tanto em termos agressivos (divergências moradores e não-moradores da área) quanto a título de curiosidade, servindo, no caso, os alunos moradores do local como informantes. Não somente o colega lastima a condição residencial do outro, indagando também porque estes não se mudam, mas durante as rusgas de classe, quando um dos agentes é morador do Maciel, este é ofendido moralmente. Tais relações implicam, mais uma vez e de modo prático, no dimensionamento exato do processo generalizatório, onde o que conta é a circunstância de morada e não a de ser ou não "de família direita". Quando foi perguntado aos alunos entrevistados que sentiam quando seus colegas ou outras pessoas tratavam a respeito do local onde estavam suas casas, todos afirmaram que "sentiam-se mal" ("um nó por dentro"), envergonhados e pensavam logo em mudar para um "lugar decente". Alguns chegaram a declarar que mentiam para os colegas com respeito ao local de residência.

Na medida em que tais fatos ocorrem, o "projeto de salvação" se torna mais forte, pois o objeto de seu programa, a cada momento, mais o apóia.

2 — O PAPEL DO PROFESSOR NO PROJETO

O professor é o instrumento e o executor do projeto. No trabalho dêle este se afirma, através de uma mensagem messiânica, de salvação.

Tendo os condicionamentos sociais de uma sociedade que teoricamente condena a prostituição, mas ao mesmo tempo determina e permite sua existência — "o mal necessário" —, o professor visualiza este outro trabalhador, a prostituta, como a própria síntese do pecado. "Quem se encaminha para a prostituição está fora do caminho do Criador". "A Bíblia diz que as prostitutas não herdarão o reino de Deus. Cada dia que passa, mais se aumenta a iniquidade". "A prostituição é a coisa mais degradante. Não admito viciados e pederastas. Todas prostitutas são viciadas". Tais formulações, objetivadas por professores primários que lecionam em escolas localizadas no Maciel, refletem, com precisão, o conceito geral que todos têm para com a mulher que "faz a vida". Tal perspectiva, evidentemente, implica no "projeto de salvação".

Tendo conhecimento da realidade social em que vive um grupo de alunos, o professor propõe-se a salvá-los. Sua visão é generalizatória. Não importa que a mãe do aluno seja uma meretriz ou uma respeitável e angustiada mãe-de-família. O que conta são as possibilidades de contágio. "O papel do professor é trabalhar para tirar estas crianças dêste meio, — mostrar à criança que o ambiente não favorece em nada; só serve para o desvio". "Já que a criança mora

num ambiente desajustado é necessário educar para que a criança se largue dêsse meio". "O professor aqui não deve somente instruir mas também dar educação moral. Nós aqui moralizamos muitos alunos". "O professor tem que mostrar o bom caminho". "É uma menina volúvel, a gente logo vê a maldade nos olhos dela; a gente tem que domar ela".

As frases acima, formalizadas em decorrência de uma pergunta aos professores, com respeito ao papel deles na escola, significam a síntese do consenso do profissional da educação, trabalhador nas escolas do Maciel, com respeito ao seu trabalho.

Na aplicação do projeto, se considera como indispensável a conscientização do aluno com relação à sua realidade existencial. A formalização prática interrelaciona-se com o conceito cristão do pecado, do crime, compreendendo-se êstes como a prostituição, o roubo e até mesmo o uso da maconha. Fixando-se os pecados e demonstrando-se que todos êles se resumem ao Maciel, o aluno está em condições de se integrar no projeto de salvação, bastando, para tanto, que o professor verbalmente demonstre que o único caminho é a escola. Esta, aliás, como tem necessidade de desenvolver um processo cooperativo, vai muito mais longe, colocando-se não somente como meio, mas como o fim em si.

Uma breve análise comparativa entre as ocupações inerentes à população do Maciel e as outras oferecidas pela sociedade, cujas principais características sejam o *status* que permitem, mas que somente podem ser perseguidas com respaldo que é a escolarização, se constitui num outro dado importante, em termos catalizador, com vistas ao compromisso do aluno para com o projeto.

A supervalorização das demais ocupações em detrimento das que fazem parte do universo social da criança, como também a colocação de que estas podem possibilitar, pela própria força do prestígio, a eliminação completa dos vestígios das experiências de vida anteriores — isto para o futuro — finaliza a função do professor na fase preliminar do projeto. Um *continuum* trabalho educativo, com vistas ao desenvolvimento dos condicionamentos positivos criados, sintetiza todo o seu papel.

Normalmente se observa nas crianças e adolescentes, principalmente entre as que freqüentam escolas, uma tendência para formalizarem determinadas expectativas de *status* profissional. Metas tais como ser "doutor" — (compreenda-se, médicos, engenheiros e advogados), profissões de maior prestígio na sociedade brasileira, principalmente no Nordeste — ou "a aprender a ler e escrever para ter um bom emprego", são as mais freqüentes. Claro que tais aspirações são produto de incentivos inerentes ao processo educacional, como um todo.

No Maciel, tais ambições ocorrem, como metas fixas, unilaterais, profundamente enraizadas e com evidentes conotações messiânicas e para a moralização.

Nas entrevistas realizadas com estudantes, poucos, três ou quatro, eram os que não complementavam suas formulações com um "para ser uma pessoa de bem" ou "para ter moral".

3 — OS GRUPOS DE REFERENCIA (FAMÍLIA, GRUPO RESIDENCIAL) E PROJETO DE SALVAÇÃO

Ainda como elemento de reforço ao projeto de salvação se coloca a posição da família ou grupo residencial, da qual as crianças, estudantes nas escolas da área, participam.

Como foi possível observar, através da pesquisa, um grande contingente de adultos, moradores no Maciel, tem origens no meio rural. Entre eles ainda prevalecem valores e atividade eminentemente extensivas ao local de onde provêm. Considera-se como importante na perpetuação de tais valores e atitudes o isolamento parcial da área, face à comunidade da qual é parte — a Cidade do Salvador, de grande taxa de urbanização — funcionando para minimizar o processo de assimilação do padrão social de vida urbana. É bem provável que prevaleçam nas atitudes e expectativas para com o professor um grande respeito, decorrente da supervalorização do prestígio de tal ocupação na escala hierárquica do meio urbano, fenômeno este oriundo da transposição de experiências anteriores, no caso a rural, ou de pequenos centros populacionais do interior do Estado, onde o professor detém um *status* bastante importante. Leve-se em conta, do mesmo modo, que o professor é "uma pessoa de fora", "uma moça" (virgem) ou de "família direita"; alguém que valora em tôrno da realidade do Maciel mas que, em hipótese nenhuma, está marcado pela sociedade. Seu trânsito é livre em tôdas as esferas sociais. "É alguém que vive nesta lama e não se suja", como disse um gerente de prostíbulo, referindo-se ao professor de seus filhos.

As experiências dos professores com os pais dos alunos deixam claro a posição destes últimos. "O fato da gente ser professora faz com que eles (os pais) nos respeitem. Mesmo quando a gente passa no merecimento, as mulheres, muitas das quais mães de alunos, chamam a atenção das demais para não bulir com a professora". "Os pais têm vergonha de se apresentarem a mim; quando pergunto às crianças pelos seus pais, elas respondem: minha mãe tem vergonha por causa do procedimento dela; eu sou um homem de moral levantada".

Não é por falta de oportunidade que os pais ou responsáveis não entram em contato com a escola. À exceção de uma, as demais têm associações de pais e mestres, inclusive, funcionando com regularidade, realizando periodicamente reuniões, para as quais são con-

vidados todos responsáveis pelos alunos. Tais reuniões são determinadas para se realizarem aos sábados à tarde, considerando-se, teoricamente, que neste momento do dia, as pessoas que trabalham se encontram desobrigadas de seus encargos, podendo, portanto, participar das mesmas. Facilita, do mesmo modo, a proximidade entre escola e o local de residência dos alunos.

Entre os entrevistados na pesquisa, com crianças estudando nas escolas da área, somente um quarto declara nunca ter recebido convites para o comparecimento à escola. Entretanto, a grande maioria afirmou que nunca tinha estado na escola de seus filhos e que também desconhecia o professor.

O motivo está, realmente, nas explicações dadas pelos professores e, também, na consciência por parte dos pais em se constituírem meros espectadores do processo educacional escolar. Por não saber ler nem escrever, o que de certo modo determina uma marcante forma de marginalidade (10), o responsável considera-se sem condições para participar do aprendizado da criança, tendo em vista sua única e capaz responsabilidade — já cumprida —, a matrícula.

Na verdade, a mensagem de salvação é facilmente assimilável. Seu evidente antagonismo para com a realidade em que é lançada, desde quando comporta valores morais e moralistas de negação para com esta, interage no sentido de fixar uma distância social entre o professor e o grupo de referência do aluno. No caso da prostituta, ela sente vergonha em estar diante do professor que ela, coerentemente com seus valores, que são, em última instância, os da sociedade global, considera sem máculas; a família, por ter a dimensão exata (extraída de sua prática de vida no Maciel) de que o seu real comportamento, na medida em que a sociedade generaliza, se confunde com um irreal, assume posição idêntica; também resiste à possibilidade de um encontro com outros pais de crianças não residentes na área — que neste relacionamento venha a ser questionado o problema da residência. O certo é que eles, reafirmando, mais uma vez, o isolamento parcial, não procuram a escola.

Tal tipo de comportamento para com a escola, desde a conservação das expectativas do *status* do professor no meio rural, que na sua origem se afigura como verdadeira, até o de considerá-lo como "pessoa de fora", todos funcionando de modo interdependente para estabelecer o isolamento, se apresenta, à primeira vista, como disfuncional para com o projeto de salvação. Ocorre, porém, que a consciência de uma situação real dentro do sistema de produção e também para com os padrões de conduta estabelecidos, que interagem para criar uma série de limitações para com a mobilidade social — neste caso a experiência é um dado objetivo — faz com que os responsáveis pelos alunos os incentivem e até mesmo pressionem para o não absentismo escolar. Ainda que este comportamento se afirme

contraditório, é assumido. No caso do menor desenvolver no seu aprendizado escolar uma resistência contra seus responsáveis, estes, nem por isto, diminuem os incentivos à frequência escolar. Na verdade, por ter interiorizado valores morais coerentes com os da escola — o quadro de referência é o mesmo — não se apercebem que a investida dessa instituição educacional contra um fragmento da realidade social no Maciel, a prostituição, basicamente generalizadora, mesmo sem intenção objetiva, incluem-nos e os colocam dentro de um intenso processo de desprestígio para com os menores do grupo, com atividades estudantis.

Ao assumir uma posição cooperativa para com o projeto de salvação, adotando-o e passando a dinamizá-lo, a família ou grupo residencial incentiva o surgimento de mais uma área de tensão nas relações entre seus membros jovens e adultos.

NOTAS FINAIS

A escola no Maciel, como já foi observado, ultrapassa, em muito, suas funções imediatas orientadas para a formação. A situação particularizada da área faz com que esta agência de socialização se transforme numa entidade mítico-religiosa, cuja base para ação se configura numa *missão salvadora*, marcada pela ideologia dualista da religião cristã.

As características messiânicas não são, em hipótese nenhuma, entendidas como inerentes às condições sociais que particularizam as escolas atuantes no Maciel e mesmo em outras de situações idênticas ou parecidas.

A escola que tem sua atividade voltada para grupos sociais não marcados por estigmas morais, de conotações parcialmente marginalizantes, também comportam valores idênticos. Ocorre, porém, que, neste segundo caso não somente as mensagens são mais fracas como também não concorrem para paliar os antagonismos que marcam as relações aluno-professor. Os incentivos para integração são modelos ideais e de difícil participação. Se poderia dizer que nas escolas do Maciel os valores messiânicos são objetivados através de uma base real, atuante — o sistema de normas e valores da sociedade — onde os testes têm respostas concretas na própria prática de vida, enquanto na outra escola esse teste é praticamente impossível a curto prazo, decorrendo daí a subjetivação do caráter messiânico da educação.

Considerando-se os dois modelos educacionais colocados, poder-se-ia, à primeira vista, chegar à conclusão de que o trabalho da escola no Maciel está se realizando de maneira divergente da finalidade última do processo educacional. Tal divergência estaria situada ao nível das tensões que surgiriam e seriam incentivadas através dos choques entre a prática escolar e a de vida no Maciel.

Sendo a escola uma das principais agências do controle social, se poderia concluir que sua ação, além dos antagonismos tradicionais, inerentes às relações professor/aluno, traria ou suscitaria outros mais agudos e de muito maior resistência à acomodação. Neste caso estaria, por exemplo, a fixação da posição conflitante, de negação da criança ou adolescente com relação ao Maciel. A longo prazo, se levaria em conta a possibilidade do ex-aluno vir a descobrir, na prática de vida, o caráter idealista dos incentivos que sustentam o projeto de salvação. Tal constatação se constituiria no elemento catalizador de um processo de desajuste psico-social, o qual, por sua vez, incentivaria a fixação de mecanismos de agressão à escola. Deste modo, esta instituição estaria forçando o surgimento de dois núcleos de tensões.

Ao nível imediato, nas relações internas ao grupo social que a criança ou adolescente consideraria como sua família e também na posição de negação destes para com o local onde residem, a longo prazo a possibilidade de o aluno saído da escola vir a descobrir a falta de base empírica para os incentivos que sustentam e dirigem o "projeto de salvação". O "caminho" traçado pela escola, caminho este no qual ela — a escola — se afirma como momento mais importante, não poderia ser trilhado desde quando não encontraria, na realidade, as bases materiais necessárias. Tal conscientização conduziria o ex-aluno a um estado de desequilíbrio psico-social. Somente a descoberta de que a passagem pela escola não foi o bastante para determinar a mudança de residência bastaria para colocá-lo contra a escola.

Fixando-se novo sistema de hipóteses, seria possível inferir outra linha de pensamento, fundamentalmente contrária à desenvolvida anteriormente e, ao que tudo indica, mais coerente.

A escola, como agência institucionalizadora de controle social, exerce esta função através do trabalho educativo. Na medida em que ela pautasse sua ação de maneira desvinculada da finalidade que a determina, o sistema social, sentindo-se ameaçado em sua sobrevivência, se encarregaria de limitar sua atuação e, até mesmo, destruí-la.

Pelo fato de que não foi dado observar a existência quando nada aparentemente, de pressões do sistema sócio-político para com a escola atuante no Maciel, pode-se concluir que, paralelamente aos incentivos básicos do "projeto de salvação", devem atuar outros, cuja finalidade seria agir como atenuante das tensões, pré-estabelecidas e aguçadas na prática da missão salvadora. Tais tensões, portanto, de uma forma ou de outra, seriam previstas pela estrutura normativa da escola, levando-se em conta a sua condição integrada dentro do próprio sistema social global.

Ao tempo em que a escola processaria seu trabalho de formar a necessária (para os objetivos que orientam sua ação) consciência

moralista, de negação para com o Maciel, através da projeção de uma série de incentivos messiânicos, um deles seria fixado com dupla função. Ao nível imediato, como modelo negativo de conduta; a longo prazo, como base para uma explicação, caracteristicamente unilateral e de controle. Neste segundo estariam os exemplos utilizados pelo professor com finalidade de demonstrar o produto da não correspondência do aluno às preocupações salvadoras da escola. As correspondências — assim consideradas — são também utilizadas como reforço ao projeto.

Prostitutas, biscateiros, "malandros", pivetes (II) pessoas até bem pouco alunos das escolas, são identificados e apontados como rebeldes à prática da missão da escola e, por isto mesmo é que não alcançaram a salvação. Para fixação deste complemento educativo interagiria tanto professor quanto o aluno, inclusive — e seria mais uma contradição — o residente na área. Este é quem se incumbem de informar sobre o ex-colega. Do outro lado, ex-alunos que alcançaram um *status* superior à hierarquia prevalecente no Maciel (no caso, pouco importaria o local de residência na época em que foram alunos das escolas da área e, também as condições econômicas de seus pais) são tomados e citados como exemplos da recompensa pela dedicação a escola.

Mais tarde quando o ex-aluno tenta prosseguir o caminho traçado e não encontra nessa prática as respostas positivas esperadas, em vez de assumir uma posição agressiva para com a escola, racionaliza o fato, explicando-o como decorrente de sua incapacidade individual. Os exemplos anteriormente lançados pelo professor como produto da incapacidade ou não-correspondência para com o "projeto de salvação" são, neste momento, exteriorizados, servindo para dar o caráter individual da questão. Aliás, segundo parece, um dos mais importantes mecanismos de controle, inerentes ao projeto de salvação, é justamente a orientação individualizadora que o caracteriza.

Um outro parâmetro, importante como elemento de controle, é o fatalismo que serve de explicação para a situação parcialmente marginal dos moradores do Maciel. Desde a família até às prostitutas, todos, de quase sempre, tendem a racionalizar sua situação de classe, como decorrente dos desígnios do destino (da sorte do azar).

Caso a pessoa não consiga realizar o programa do projeto, se auto-explicará como mais um produto da sorte. Certamente, na medida em que estes fatores apontados funcionem para limitar a compreensão, a escola não encontrará obstáculos ao "projeto da salvação".

GÉRSO DE OLIVEIRA E OLIVEIRA

1 O Pelourinho se constitui num conjunto arquitetônico do século XVIII, outrora residência da aristocracia baiana, situado no bairro central da Cidade do Salvador.

2 "Na medida em que, no estudo do grupo social escolar, se dá destaque às relações mantidas pelos seus membros tendo em vista atingir determinados objetivos conscientemente definidos e visados de modo contínuo, esse grupo vem a ser encarado como uma empresa. Entendida como empresa, a escola consiste numa organização em que os alunos, professores e demais funcionários condenam suas atividades a fim de produzir, nos próprios alunos, certos estados psico-sociais físicos...". Pereira, Luiz. *A escola numa área metropolitana*. São Paulo. Universidade, 1967, 166 p.

3 "A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem objeto suscitar e desenvolver, na criança, certos números de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina.

"A sociedade não poderia existir sem que houvesse em seus membros certa homogeneidade, fixando de antemão na alma da criança certas similitudes essenciais, reclamadas pela vida coletiva. Por outro lado, sem uma tal ou qual diversificação, toda cooperação seria impossível: a educação assegura dessa diversidade necessária, diversificando-se ela mesma e permitindo as especializações". Durkheim, Émile. "A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciadora". In: Pereira, Luiz Foracchi, Maria Alice M. *Educação e sociedade*. São Paulo, Ed. Nacional, p. 34-48.

4 O ginásio existente na área detém somente um percentual de 5% de alunos residentes do Maciel. Ao que tudo indica, a necessidade de o jovem (sexo masculino), morador na área, ter que se engajar cedo no sistema de produção, por força de suas precárias condições econômicas, se constitui no principal determinante dessa situação. Entretanto, devem-se levar em conta fatores tais como preconceitos das famílias para com a área onde residem (e onde também está localizado o ginásio) e problema de vagas.

5 O ginásio, segundo dados coletados, atende a alunos residentes em quase todos bairros pobres da Cidade do Salvador.

6 Durante as observações de campo, foi anotado que as jovens estudantes no ginásio resistiam, de todo modo, ao uso do escudo, símbolo dessa instituição de ensino, para que não houvesse nenhuma identificação entre elas e o Maciel.

7 Uma família entrevistada tinha dois filhos estudando no curso primário. A menina estava matriculada numa escola paroquial, situada num bairro de classe média, enquanto o menino, na pública da área. Quando questionada sobre a situação, afirmou que o menino era "homem", podia resistir aos apelos para o mal; a filha não.

8 O conceito de grupo residencial, refere-se aos formados por prostitutas e seus filhos e por pessoas não-parentes. Serve unicamente para diferenciar, operacionalmente, ao nível da pesquisa, estes grupos da família, como a sociedade a entende.

10 Marginalidade para com todo sistema de comunicação escrita.

11 Termo da gíria policial usado para qualificar menores que se dedicam ao roubo.

9 "No caso da escola, considerando-se a presença duma super-ordenação racional expressa na administração e no ensino, e de uma população imatura com problemas específicos de ajustamento, torna-se evidente que as relações entre ambas — dêem lugar a uma diversificação de relações, atitudes, comportamentos, valores. Por outras palavras, a escola constitui um ambiente social peculiar, caracterizado pelas formas de tensão e acomodo

dação entre administradores e professores — representando os padrões cristalizados da sociedade — e os imaturos, que deverão equacionar, na sua conduta, as exigências desta com as da própria sociabilidade". Cândido Antônio. "A estrutura da escola". In: Pereira Foracchi, op. cit. nota 3, p. 1071128.